

## INTRODUÇÃO

*Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro num acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo...  
(Caetano Veloso)*

O acordo firmado entre o tempo e as crianças do município de Duque de Caxias não vem sendo cumprido para muitas delas. Tendo três anos para se alfabetizar, uma boa parte dessas crianças, por inúmeras razões, ficam retidas no último ano ou avançam para o ano seguinte sem terem se alfabetizado.

Como compositor de destinos, o tempo vai definindo os rumos da vida de várias crianças. Quantas vão desistir no meio do caminho, por sentirem-se incapazes de aprender? Quantas delas vão seguir o ofício dos pais? Quantas vão insistir, mesmo reconhecendo que os conhecimentos adquiridos na escola não as permitem almejar o futuro que desejam?

Duque de Caxias é um município rico, o 2º em arrecadação de todo o Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, em relação à educação vem ocupando os últimos lugares no ranking das avaliações externas. Segundo a Secretaria de Educação do Município o índice de retenção foi de 46% no Ciclo de Alfabetização no ano de 2011.

Retornando à música de Caetano Veloso, insisto em dizer que o tempo não tem sido suficiente para que quase 50% das crianças adquiram os conhecimentos básicos da leitura e escrita. Isto fere o acordo feito no ato da matrícula dessas crianças, pois é objetivo do Ciclo de alfabetização que após três anos de estudos, a criança leia e produza textos de variados gêneros.

Tempo...Compositor de destinos... Felizmente temos um destino diferenciado para alguns, no que se refere à escolarização. Isso também por diferentes e variados motivos, pedagógicos inclusive. Estudar com uma boa professora pode ser o mais importante deles, pois muito se tem falado sobre o papel que o professor assume no desempenho dos seus alunos, o chamado efeito professor. Se antes se acreditava que este fazia pouca diferença. Hoje se tem clareza da sua importância na aprendizagem dos

alunos, sobretudo daqueles pertencentes às camadas mais desfavorecidas (Marzano, 2008).

Este trabalho focaliza este efeito professor. Busca um caminho que pretende socializar o sucesso de professoras em seu ofício de alfabetizar. Em vez de falar de professores que marcam os seus alunos, por fazê-los sentirem-se incapazes de aprender, fala de professores que compreendem o seu trabalho como aquele capaz de levar os seus alunos a acreditar que são capazes de aprender e que têm o direito a uma educação de qualidade. No caso da leitura e escrita, esta é condição essencial para o pleno exercício da cidadania.

Em um texto que trata da divisão entre professor pesquisador e pesquisador acadêmico, Zeichner (1993) afirma que um dos principais motivos da falta de entusiasmo dos professores pela pesquisa acadêmica em educação é a forma pela qual eles vêm sendo retratados na maioria delas: como tecnocratas, incompetentes, desinteressados, entre outras classificações. Estes reclamam, ainda, de que os pesquisadores acadêmicos têm se mostrado insensíveis às múltiplas e complexas circunstâncias vivenciadas em seus trabalhos e que se sentem explorados pelos pesquisadores.

Felizmente, aponta o autor, tem-se, nos últimos anos, buscado uma maior interação entre pesquisadores e professores. Primeiro, porque alguns pesquisadores começam a se sentir desconfortáveis em sua posição de somente estudar o trabalho dos professores e, em segundo lugar, ir à escola para somente revelar as suas falhas é uma situação que já não agrada a muitos. A pesquisa aqui proposta se alia a esta perspectiva, ou seja, busca um caminho que pretende socializar o sucesso de professoras em seu ofício de alfabetizar, e não denunciar o fracasso.

Por que professora-referência?

Caracterizar um profissional bem sucedido não é tarefa fácil, haja vista a variedade de fatores aí envolvidos. Entretanto, acredito que privilegiar em um estudo esse profissional e socializar o que ele faz cotidianamente significa possibilitar que tantos outros possam, a partir daí, refletir sobre a sua própria prática e, desse modo, trilhar caminhos que também os conduzam ao sucesso com os seus alunos. Considero, como Bressoux (2003), que se existem professores que elevam seus alunos a um maior nível de sucesso do que outros, investigá-los e compartilhar as suas práticas seria uma

possibilidade de melhorar o sucesso de muitos alunos, em várias outras escolas, tomando suas práticas específicas como modelos de construção da aprendizagem.

Recorro à minha trajetória para falar deste profissional. Assim como Santos (2005), acredito que toda pesquisa tem um viés autobiográfico e que a minha trajetória de vida influencia na escolha do que pretendo investigar. Desse modo, retorno ao tempo em que eu era professora de alfabetização. Início difícil, como para quase todas quando chegam à escola. Para elas são reservadas as turmas que ninguém quer: as turmas dos alunos repetentes, dos que apresentam “dificuldades”. Era o ano de 1993.

O não saber o que fazer me incomodava. Como alfabetizar alunos tão marcados pelo fracasso? Como dar conta da disciplina em sala? Como trabalhar de modo que meus alunos se sentissem capazes de aprender? Será que a formação recebida no meu curso normal me ajudaria? Seria suficiente?

Inicialmente, por ter sido uma boa aluna, acreditava que sim. Mas, com o passar do tempo percebi a complexidade do dia a dia da sala de aula. Não bastava saber aplicar um método de alfabetização. Era preciso ir muito além disso. Era preciso escutar os meus alunos, uma *escuta sensível* (Barbier, 2004), que fosse capaz de distinguir a sutileza de suas falas, seus silêncios, seus gritos na hora do recreio.

Concordo com Kramer quando afirma que os cursos de formação de professores não qualificam o professor, pois este “*ao chegar à escola nem dispõe de uma visão teórica abrangente sobre a prática pedagógica nem conhece a realidade da escola e sua prática concreta*”. (2001, p. 85)

Acredito que o que mais tenha feito diferença para aqueles alunos tenha sido a disponibilidade para ouvi-los e a crença que eu tinha na capacidade de cada um em aprender. Sobre isso Esteban (2003) nos fala que as condições de aprendizagem e desenvolvimento são oferecidas aos alunos de acordo com as possibilidades que a professora percebe neles.

Passei a ser reconhecida pelo meu trabalho na alfabetização. Muitas vezes ouvia pais pedindo para que seus filhos estudassem comigo. Em contrapartida, ouvia de algumas colegas diante dos resultados apresentados por minha turma: “este ano você deu sorte, só pegou crianças boas, eu não tive tanta sorte, peguei alunos com muita dificuldade”.

Por isso permaneci 13 anos alfabetizando. Buscando compreender porque alguns professores procuram a formação continuada, mesmo as não institucionalizadas, como

forma de aprimorar a sua prática alfabetizadora, desenvolvi a minha pesquisa de mestrado. Essa pesquisa evidenciou uma relação indissociável entre formação continuada e o bom desempenho do professor.

Saber disso foi importante para que eu me dispusesse, agora no doutorado, a buscar compreender, quais os outros aspectos que formam um bom professor, neste caso professora, as professoras-referência. A formação continuada é importante, não temos dúvida que sim, mas só ela basta? É isso que irei investigar.

Por que o 2º ano de escolaridade?

A escolha por esse ano de escolaridade deu-se especialmente porque é o ano em que os alunos são avaliados pela Provinha Brasil, no início e no final do ano letivo. A ideia era comparar o desempenho dos alunos nesta avaliação, de modo a perceber o seu desenvolvimento ao longo do ano.

O que são as professoras-referência em alfabetização?

São inúmeras e complexas as características de um bom professor. A fim de definir uma professora referência afirmo que é aquela que obtém sucesso em seu desempenho: destaca-se, no meio escolar pela sua competência profissional e conduz a maior parte dos seus alunos ao domínio da leitura e escrita e não uma minoria, como vem acontecendo em inúmeras salas de aula.

Sobre o local da pesquisa

Duque de Caxias é, em extensão, o quarto maior município da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, com 467, 619 km<sup>2</sup>e uma população de 855.048 habitantes. (IBGE, 2010). É um município rico, disputando com o município do Rio de Janeiro o 1º lugar em arrecadação do Estado. Já há algum tempo que o salário pago aos professores é considerado o mais alto de todo Estado do Rio de Janeiro

O município possui 142 escolas de Ensino Fundamental, atendendo nesta etapa a um total de 64.238 alunos (SME, março/2012). No primeiro segmento há um total de 47.314 alunos, sendo que destes, 26.693 pertencem ao Ciclo e são distribuídos em 246 turmas (idem).

Em 2009, o IDEB do município foi de 3,9. Mas é o Ciclo de alfabetização o grande nó da educação. Em 2011, segundo dados do Departamento de Estatística da SME, o índice de retenção no Ciclo foi de 48,62%. A cada início de ano a SME envia às escolas um gráfico contendo os índices de aprovação, retenção e abandono da rede de uma maneira geral e da própria escola. O objetivo é que cada escola, vendo seu desempenho possa traçar metas para o ano que se inicia.

A resolução de matrícula de 2013 define que o número de alunos por turma no Ciclo de Alfabetização tem que ser 25. Essa foi uma questão contenciosa entre os professores, pois até então eles tinham o direito garantido em negociação com o Sindicato dos Professores (SEPE) que o número máximo de alunos seria 20. Além disso, reclama-se falta de escolas, de outras funcionando em condições precárias e de outras sem condições de funcionar, o que obriga os alunos a estudarem em centros comunitários, igrejas, ocupar espaços de outras escolas, até que as obras sejam concluídas.

Nos últimos anos tem acontecido uma discussão entre os representantes do Sindicato (SEPE) e os da SME para que não haja mais o turno intermediário<sup>1</sup>, pois até há pouco tempo a maior parte das escolas funcionava em três turnos. Apesar de se ter percebido uma significativa diminuição na quantidade de escolas que assim trabalhavam, ainda há no município algumas escolas funcionando com três turnos. Isso contraria o que vários autores vêm discutindo em relação ao tempo de permanência das crianças nas escolas.

Outro problema enfrentado é o número de aulas-extras<sup>2</sup> de professores no município. Com a falta de professores efetivos, outros são chamados para trabalharem durante aquele ano. Isso faz com que este professor não crie vínculos com a escola, nem, muitas vezes, compromisso com o seu trabalho e com os seus alunos já que no próximo ano não estará na escola. Essa alta rotatividade tem sido um grande desafio a ser enfrentado pelas escolas, principalmente as mais distantes.

O Ciclo de Alfabetização não passa incólume a essas questões. Criado em Duque de Caxias no ano de 1993 vem representando um sério problema para o sistema

---

<sup>1</sup> O turno intermediário começou no município no ano de 1993. Corresponde ao horário de 11 às 15 horas. Assim, primeiro turno funciona de 7 às 11h, depois começa o segundo turno (intermediário) e, por último, o terceiro turno que vai das 15 às 19 horas.

<sup>2</sup> Aula extra ocorre quando um professor, com matrícula na rede, assume uma outra turma por um certo período. Pode ser para cobrir licença médica do professor efetivo da turma ou simplesmente porque a rede não tem professores que atendam a todas as escolas.

educacional do município. Quase 50% das crianças passam três anos na escola e não conseguem se alfabetizar.

Corais (1999), estudiosa do Ciclo no município, afirma que o Ciclo de Alfabetização foi uma medida política-pedagógica implementada para superar os mecanismos de evasão e repetência que faziam parte da realidade do município naquela época. Os principais objetivos ao ser criado apontam para a formação do aluno leitor, escritor, cidadão e sujeito crítico.

O Ciclo de Alfabetização no município compreende as três séries iniciais. Nas duas primeiras, a retenção se dá somente por frequência. No terceiro ano, a retenção se dá quer por aproveitamento e/ou por frequência. Após o Ciclo, o sistema passa à seriação.

Em relação à avaliação, antes aferida por notas, com a criação do Ciclo passa a ser considerada um processo contínuo e participativo. A orientação era que o erro passasse a ser visto como etapa do processo de desenvolvimento de cada criança. O uso de provas e testes foi desaconselhado e os resultados passaram a ser registrados em Relatórios Descritivos, o que persiste até hoje.

Segundo Corais (1999) foi distribuído à época para as escolas um livro chamado de “Reorientação Curricular” que continha os principais pressupostos do Ciclo. Este livro indicava que o trabalho com a língua fosse a partir da utilização de diferentes portadores de textos, o uso da cartilha como instrumento central na alfabetização foi desaconselhado. Nas formações, os métodos de alfabetização passaram a ser discutidos.

A proposta de alfabetização baseou-se nos estudos de Emília Ferreiro, especialmente o livro “A psicogênese da escrita”, nos estudos de Vygotsky e Luria sobre a importância das interações e da linguagem na construção do conhecimento. Em avaliação, destacaram-se as discussões em torno dos trabalhos de Jussara Hoffman.

Desde o início da implementação do Ciclo, os professores que se dedicam a alfabetizar recebem uma gratificação extra. Enquanto os demais recebem 10% de regência de turma sobre o vencimento, os professores do Ciclo recebem 20%. Isso faz com que muitos professores optem por trabalhar com o Ciclo, infelizmente, alguns sem a formação adequada. A opção se dá apenas por conta do aumento salarial.

A iniciativa de flexibilizar o tempo escolar considerando o necessário tempo de aprendizagem de alunos com diferentes níveis de conhecimento garante, no início da escolaridade, que estes tenham a chance de um percurso contínuo, sem o prejuízo de uma eventual retenção ao final do 1º ano sempre que não estejam alfabetizados, o que obriga os retidos a recomeçarem tudo no ano seguinte. A proposta de ciclo representa ainda uma

possibilidade indireta de combate à evasão, pois, como sabemos, a retenção é a grande vilã da evasão escolar.

Infelizmente, quando se analisa a questão do ponto de vista da aprendizagem do aluno verifica-se que na verdade praticamente nada mudou: se antes ele ficava reprovado infinitas vezes por não ter se alfabetizado, chegando muitas vezes a desistir da escola por essa razão, hoje ele avança na escolaridade em idêntica condição-sem aprender a ler e escrever. Isso significa que quer seja em um regime seriado ou no sistema organizado em ciclos, a escola continua não conseguindo cumprir sua tarefa de alfabetizar a todos. Significa que a proposta de ciclos não teve o poder de, por si só, melhorar a aprendizagem dos alunos. Mas será que essa medida tomada de forma isolada poderia mudar o quadro de fracasso que ronda as nossas salas de aula?

Dentre as razões apontadas para o suposto fracasso nas classes de alfabetização pode-se destacar uma, referente à tradição escolar, pois a concepção de ciclos choca-se com a cultura escolar da seriação e a conseqüente reprovação dos alunos com desempenho considerado insatisfatório. Isso se comprova nos Conselhos de Classe quando um professor defende a retenção de alunos do 1º ou 2º ano do Ciclo afirmando que estes têm desempenho aquém do esperado. Daí podemos considerar a dificuldade da escola em trabalhar com a diversidade de saberes, com a heterogeneidade inerente a qualquer grupo.

Outra razão para que os resultados obtidos com a implementação do Ciclo fossem questionados, é que nem sempre foram asseguradas as condições básicas para que uma proposta de organização da escolaridade em ciclos se impusesse como válida, o que fez com que essas propostas fossem muito identificadas com a ideia de aprovação automática, que frequentemente não goza da simpatia da opinião pública de um modo geral.

Os problemas de alfabetização têm feito também com que alguns professores e estudiosos defendam a retomada de métodos utilizados no passado, especialmente o fônico. Para Soares (2003), essa é uma ideia enganosa, pois assim como hoje, o fracasso na alfabetização também era grande no passado, a diferença é que era concentrado na primeira série. Os ciclos fizeram com que esse fracasso se evidenciasse no meio e até no final do Ensino Fundamental. Desse modo, não se sustenta o argumento de que o método fônico ou outros métodos davam certo. Para a autora, não dá para desconsiderar as contribuições fundamentais do construtivismo e das ciências linguísticas para a compreensão do processo de aprendizagem da língua escrita.